

BOLETIM n.º 58 — 2ª Série

JUNHO de 2016

internet: aplg.no.comunidades.net

Apartado 4099 — 3 030 - 999 Coimbra ; e-mail: aplg@mail.pt

Facebook: páginas — Associação de Professores de Latim e Grego

A língua grega é um objecto de arte
— Hélia Correia¹

SALVETE

O ano lectivo está a terminar, um ano em que muito se ouviu falar dos estudos clássicos nas nossas escolas. Foi um ano cheio de realizações, que culminou com o 1º Colóquio Internacional “Introdução à Cultura e Línguas Clássicas”, no passado sábado, dia 4 de Junho, um colóquio em que se procurou fazer um balanço do 1º ano do projecto lançado em 2015, que permite às escolas do ensino básico oferecer, como complemento curricular, uma disciplina de Introdução à Cultura e Línguas Clássicas.

Resumindo as actividades deste ano, cito apenas aquelas nas quais a APLG esteve envolvida:

1. Acção de Formação — Círculo de Estudos, iniciada em Setembro de 2015, e que terminou no passado dia 8 de Junho.
Em colaboração com os centros de formação, esta acção teve a frequência de um grupo de professores empenhados que fizeram nas suas escolas coisas maravilhosas para divulgar junto dos alunos a cultura clássica. Nas escolas houve complemento curricular, houve clubes, acções nas bibliotecas, projectos muito variados que entusiasmaram os alunos desde o 3º ano até ao 9º e puseram as escolas a falar das línguas clássicas, da cultura greco-romana e da presença entre nós desse legado civilizacional da antiguidade.
2. Abril — mês de grandes realizações:
 - 2.1. Nos dias 9 e 16: O Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Lisboa realizou uma Acção de Formação, que foi muito participada. A APLG fez-se representar, com uma comunicação pela sua Presidente.
 - 2.2. Dia 22 de Abril foi a vez de Coimbra: Os Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Coimbra organizaram um Congresso Internacional *O Ensino das Línguas Clássicas: reflexões e experiências didácticas*, onde, mais uma vez, a nossa associação se fez representar com uma comunicação apresentada por Célia Mafalda Oliveira e Isaltina Martins.
 - 2.3. Dia 30 de Abril — a APLG esteve presente e apresentou o seu parecer na Conferência sobre Currículo para o século XXI, organizada pela Direcção-Geral de Educação.
3. Maio, dia 11: juntamente com representantes da APEC e dos Estudos Clássicos das Faculdades de Coimbra e Lisboa, a APLG esteve numa audiência com o Secretário de Estado da Educação onde foi apresentada e discutida a situação das línguas clássicas no nosso sistema educativo.
4. E, por fim, o Colóquio Internacional Introdução à *Cultura e Línguas Clássicas* que teve lugar no dia 4 de Junho e para o qual convidámos colegas de outros países que vieram falar-nos das suas experiências.

¹ in *Os escritores também têm coisas a dizer* (entrevistas), ed. Tinta da China, 2012.

Próxima actividade já programada:

— Outubro/Novembro — Curso de iniciação ao latim — acção de formação acreditada (em colaboração com os CFAE de Coimbra, Minerva e Nova Ágora)

Extractos de algumas das comunicações:**1. Lisboa, Faculdade de Letras, 9 de Abril****I. Introdução**

A possibilidade de uma disciplina de Introdução à Cultura e Línguas Clássicas no ensino básico constituiu uma pequena vitória para a nossa persistência, uma teimosia mantida há longos anos na defesa das línguas clássicas e do seu estudo nas nossas escolas.

A APLG fez, por diversas vezes, uma proposta ao Ministério da Educação com vista a uma sensibilização para o latim e o grego antes do ensino secundário, mas, infelizmente, os seus apelos nunca tinham sido ouvidos. E a disciplina de latim no ensino secundário (já para não falar do grego) chegou a uma situação limite, de quase extinção. Até que, em 2014 e 2015, um conjunto de circunstâncias e pessoas nos lugares certos permitiram esta possibilidade, que agora temos nas nossas mãos, e sobre a qual temos de trabalhar e fazer os esforços possíveis para que resulte e produza frutos que venham a reflectir-se nas disciplinas curriculares do ensino secundário.

Ainda que se trate de uma Oferta de Escola e tenha uma carga horária diminuta, é já um começo significativo que pode permitir-nos esperar um futuro diferente. Não podemos exigir muito de uma só vez, há que aproveitar todas as ocasiões e possibilidades de mostrar à comunidade escolar (professores, alunos e encarregados de educação) como uma boa base de conhecimentos na área das humanidades pode contribuir para o enriquecimento da personalidade dos jovens, pode marcar o seu desenvolvimento intelectual e cultural, pode ajudar a tomar decisões mais conscientes e críticas em relação às várias fases da sua vida, quer académica, quer profissional.

As razões que justificam os estudos humanísticos e a importância da aprendizagem das línguas clássicas já foram por demais discutidas, por estudiosos que abordam o problema sob as mais diversas perspectivas. Não vamos repetir tudo isso, nem será necessário pois estamos aqui todos reunidos e unidos por um mesmo sentimento.

Podemos, no entanto, recordar algumas opiniões insuspeitas, de personalidades de incontestável valor, que deram às letras e às humanidades um contributo precioso.

Num livro publicado em 2009, *A Obsessão do Fogo*, que reúne as conversas entre Jean-Claude Carrière e Umberto Eco, estes dois amantes do livro e do conhecimento discutem a velha questão que sempre se põe acerca das mudanças que a revolução tecnológica dos nossos dias veio operar. E Jean-Claude Carrière lança a seguinte interrogação: “Quando tivermos ao nosso lado um assistente electrónico capaz de responder a todas as nossas questões, mas também àquelas que nem sequer saberíamos formular, o que restará para conhecer?”, ao que Umberto Eco responde “A arte da síntese”, acrescentando o seu interlocutor “E o próprio acto de aprender. Porque aprender, aprende-se” e, diz Eco, “aprender a controlar uma informação cuja autenticidade não podemos verificar.”

Ora o verdadeiro papel da escola e do professor é exactamente esse: ensinar a reflectir, a discernir, a saber separar o conhecimento correcto daquele que não interessa; é incutir o espírito crítico em relação a tudo o que se lê, mostrar que muita informação não significa muito conhecimento. Sendo, sem dúvida, importantes todos os conhecimentos que a escola proporciona, os estudos humanísticos acrescentam um valor maior — *homo sum: humani nihil a me alienum puto*. A reflexão sobre os valores humanos, o conhecimento da história e dos seus ensinamentos, o enriquecimento que advém do contacto com a literatura, com as artes, com a filosofia, são, por si só, razões para o destaque que os estudos humanísticos deviam ter no curriculum escolar. Só assim teremos uma tecnologia mais humana, uma economia mais consciente, um progresso feito com o homem e para o homem. Um mundo visto e observado não apenas à luz da economia, do lucro, mas também, e essencialmente, com um olhar humanista, com uma criatividade sensível e atenta às necessidades do indivíduo e do seu meio.

É essa semente que a escola tem de lançar, algo para o qual a presença do professor é insubstituível. É o que permanece e proporciona o salto para novas “aventuras”, novas buscas, novos conhecimentos, a memória do que aprendemos na escola, do que ouvimos aos mestres.

Sem dúvida nem tudo o que ouvimos, o que aprendemos ficará retido na nossa memória, mas restará a informação que foi transformada em conhecimento e que, no momento oportuno, virá ligar-se a novos conhecimentos, que levarão à compreensão de novas realidades.

E, pelo facto de uma pesquisa na internet nos dar respostas para muitas perguntas, da história, da literatura, da filosofia, não podemos concluir que isso seja suficiente para a formação dos jovens.

Todo o aluno que chega ao final da escolaridade básica a quem, à entrada no ensino secundário, se pede que faça uma escolha, que construa o seu curriculum, deve estar munido de um conhecimento geral sólido, fundado numa base humanista, que lhe dê a cultura geral suficiente para a abertura ao conhecimento dos saberes nos quais se quer especializar.

Diógenes Laércio, historiador e biógrafo dos antigos filósofos gregos, diz-nos que um dia perguntaram a Aristóteles “qual a diferença que havia entre um homem sábio e um ignorante” e que ele respondeu “a que existe entre um homem vivo e um cadáver.” Talvez a comparação seja exagerada, mas devemos ver nela o símbolo do conhecimento como essencial à vida, como algo que nos distingue e nos mantém participantes neste mundo globalizado. E, continua Laércio, dizia também o filósofo grego “que os pais que dão instrução aos seus filhos merecem mais elogios do que aqueles que se contentam simplesmente em dar-lhes a vida.”¹ Esta afirmação pode ser equiparada à de um pensador contemporâneo, Amin Mallouf, que vai mais longe ao “ considerar o primado da cultura como uma disciplina de sobrevivência. “.

Diz Mallouf: “Hoje, o papel da cultura é fornecer aos nossos contemporâneos os instrumentos intelectuais e morais que lhes permitirão sobreviver”, pois, acrescenta, o planeta e os seus recursos estão a sofrer pela busca desenfreada de satisfação, de prazer. Então, é necessário que o prazer seja encontrado em algo que não faça mal ao planeta. E afirma de seguida:

“ As necessidades e os prazeres da existência podemos procurar satisfazê-los consumindo mais, o que pesará nos recursos do planeta e suscitará tensões destruidoras. Mas poderíamos também satisfazê-los de uma maneira diferente, privilegiando a aprendizagem em todas as idades da vida, encorajando todos os nossos contemporâneos a estudar línguas, a apaixonar-se pelas disciplinas artísticas, a familiarizar-se com as diversas ciências... O conhecimento é um universo incomensurável, todos nós poderíamos aprofundá-lo incessantemente durante toda a vida que nunca o esgotaríamos. Melhor ainda: quanto mais o aprofundarmos, menos esgotaremos o planeta.”

Para concluir que:

“ ... a nossa escala de valores só pode basear-se hoje no primado da cultura e do ensino.”²

Estas reflexões levam-nos ao curriculum do nosso ensino básico e à proliferação de ofertas de “formação e educação para” — a cidadania, o empreendedorismo, a educação financeira, a saúde, a poupança, o ambiente, a violência... etc. — e à necessidade de aí introduzir uma formação humanista mais consistente que proporcione aquilo que só à escola compete: ministrar o saber, o saber profundo, o saber que confere conhecimento, o saber que forma a criança, o jovem para todos os outros saberes e lhe abre os horizontes para o discernimento do que são e do que pretendem todos esses saberes, sem doutrinação, sem imposições, um saber crítico, aliado a valores universais e eternos.

II. O que se propõe, então, com esta disciplina de oferta de escola?

Pretende-se que seja um veículo de sensibilização para as nossas raízes culturais. Num mundo globalizado, numa sociedade onde a influência de outras culturas e costumes é tão forte, é importante não deixar esquecer as nossas origens. Quando vemos como a língua inglesa se sobrepõe a todas as outras, é fundamental que a escola ensine os nossos jovens a respeitar a sua língua materna, através do conhecimento mais profundo que os leve à etimologia dos seus vocábulos, à cultura que explica as nossas palavras e expressões, e aí ver, realmente, a matriz cultural europeia, a matriz greco-latina presente nas línguas românicas, mas também nas línguas de base germânica.

¹ Diógenes Laércio, *Vida, doutrina e sentenças de filósofos ilustres, Livro V, Aristóteles*, 16-20.

² Amin Maalouf, *Um Mundo sem Regras*, Difel, 2009.

Por isso a disciplina de Introdução à Cultura e Línguas Clássicas não propõe um programa próprio, apresenta apenas sugestões que, em cada escola, cada professor irá adaptar.

Não é ainda uma disciplina de latim ou de grego, como existe noutros países, onde o estudo do latim começa no ensino básico e se prolonga, durante 5 anos, até ao final do ensino secundário. Isso seria o ideal, talvez um dia lá cheguemos. Não é isso que se pretende com esta disciplina de Oferta de Escola. A aprendizagem da língua, com alguma regularidade, exigiria outra carga lectiva, e não foi isso que agora nos foi concedido. Daí que não haja um programa fixo, nem materiais pré-feitos, pois corremos sempre o risco de uma adaptação imperfeita para uma leccionação de 45 minutos semanais. Para além disso, temos de encontrar, em cada situação, a melhor forma de cativar, de sensibilizar para esta nova aprendizagem.

Será na prática, no contacto com os alunos que o professor irá construir o seu programa, adaptando-o à sua turma, procurando interessar os alunos no conhecimento e na explicação de questões do dia a dia, de matérias de outras disciplinas, de informações que eles obtêm das suas leituras recreativas, dos filmes, dos jogos.

Depois de um primeiro ano de experiência, a permanência dos mesmos alunos em anos subsequentes permitirá uma sequência programática, levando a uma progressão quer ao nível da temática cultural, quer ao nível da introdução à língua latina e/ou grega. E se, num primeiro ano, houve uma incidência nos temas de cultura e do quotidiano da língua mãe, no 2º ano, se os alunos forem os mesmos, haverá lugar para alguma aprendizagem da língua latina, com explicação das estruturas sintácticas mais simples. O ideal seria que os alunos chegassem ao final do ensino básico com conhecimentos essenciais da cultura clássica, alguns conhecimentos da língua latina e suas estruturas gramaticais, conhecimentos que os despertariam para as influências da língua e da cultura clássicas noutras disciplinas do seu curriculum escolar, e que alguns alunos se sentissem motivados para a continuação destes estudos.

As sessões lectivas podem ser organizadas partindo de temas variados, como, por exemplo:

- Encontrar a base clássica, a raiz grega ou latina de palavras e expressões do quotidiano: isso levará ao estudo de temas de civilização e cultura, de mitologia, de língua;
- Compreender o significado de expressões latinas que se usam tanto em português como noutras línguas e mostrar que, mesmo quando utilizadas na língua inglesa, não deixam de ser latim;
- Mostrar como a linguagem da técnica, dos computadores, da internet, que eles tanto usam, está cheia de latim, ainda que tenha entrado através do inglês;
- Explicar termos e fórmulas em uso nas disciplinas científicas, como:
 - os símbolos químicos,
 - as letras gregas usadas na matemática,
 - o nome científico das plantas ou dos animais que estudam na disciplina de ciências
 - as especialidades médicas
- Interpretar poemas da literatura portuguesa com referências clássicas;
- Compreender outros textos estudados na aula de Português, com conhecimento mais completo da referências clássicas aí presentes;
- Fixar mais facilmente o significado de termos eruditos, conhecendo a sua etimologia;
- Mostrar a presença do latim e do grego nos mais diversos artigos do quotidiano, começando por uma lista do supermercado;
- Perceber como, nas mais diversas situações, continuamos a recorrer à cultura greco-latina: listar, por exemplo, os nomes dados a operações da GNR, da PSP ou da PJ, muitas vezes relacionados com figuras da mitologia
- Etc., etc.

Estes e outros temas poderão ser o ponto de partida para pôr em evidência que o estudo da cultura clássica, das línguas grega e latina não é algo fora de moda ou desnecessário e que para compreendermos melhor o mundo à nossa volta temos que conhecer o passado.

Isaltina Martins, *INTRODUÇÃO À CULTURA E LÍNGUAS CLÁSSICAS - Da génese à prática lectiva — alguns apontamentos didácticos.*